

Sem o recurso à facilidade da heteronomia, Álvaro Siza tentará, ao longo da sua vida, conciliar prazer e realidade, particular e universal, numa multiplicidade de significados que se intersectam permanentemente. Da introversão mais extrema, à metáfora quase monumental, ambas originando objectos solitários em implantações que parecem só deles e do seu conteúdo depender, passando por todos os estádios intermédios de relação generosa ou crítica com a envolvente, a essência da sua temática é sempre distinguir-se do contexto validando-o. Significa isto, transformar sem perder a dimensão da história de que se quer parte, exigindo a sua consideração global para o entendimento da obra.

A quem prefere os sentimentos vagos que não comportam definição, Siza vai contrapor a secura da expressão e a nitidez do raciocínio e sentimentos perfeitamente definidos, de tal modo que é difícil a emoção neles.

No seu percurso paciente e inteligente, foi ganhando convicção pelo desenho, no desenho de uma personalidade de inquietante e assumida complexidade. A sua coragem tem, muitas vezes, o sabor da provocação. Tem-na pago com amargura e solidão. A sua exigência tem dado ao seu rosto uma aparência de alheamento tranquilo, *no espelbo as rugas dos lábios e o olhar magoado*.

Como diria Almada, Siza fechou a mão com força e agarrou bem a loucura dentro da mão.

* Arquitecto, Professor Catedrático da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.